

# Introdução

---

Vinícius Vieira Pereira<sup>(1)</sup>



Olá, leitor!

A segunda edição da Revista do PET-Economia/Ufes vem a público ainda em meio à pandemia de Covid-19, portanto, em um cenário bastante semelhante ao que marcou a publicação de estreia do nosso periódico. No momento em que escrevo, o Brasil, assim como o mundo, vive uma retomada de força do vírus, a chamada “segunda onda”, e os números da doença apontam para uma tragédia mundial. Desde o aparecimento do novo coronavírus, mais de 70 milhões de pessoas no mundo já foram infectadas e, destas, mais de 1,5 milhão sucumbiram diante da doença. No Brasil, o vírus já ceifou mais de 180 mil vidas, de um total de 6,8 milhões de infectados, aproximadamente. Enquanto o mundo aguarda ansiosamente a chegada de uma vacina, a pandemia revela a fragilidade da sociedade contemporânea, incapaz de agir solidária e coletivamente para reduzir o sofrimento da população diante das tragédias social e econômica vividas.

Sobre tal incapacidade de agir visando a coletividade, nada muito estranho! Afinal, o comportamento humano frente a esse grave problema humanitário revela o resultado perverso do utilitarismo subjetivista e da ação movida pelo autointeresse. Se, na sociedade capitalista, o ser humano deve viver conforme a racionalidade do homo economicus, então suas ações devem se pautar, estritamente, numa conduta individualista. Portanto, torna-se contraditório e, mesmo, inócuo, esperar que os indivíduos respeitem medidas de interesse coletivo, como, por exemplo, o isolamento social, tão importante em tempos de pandemia. Tendo desaprendido a pensar e viver como ser social, o indivíduo passa a acreditar que suas ações resultam apenas de sua vontade, de decisões ou escolhas conscientes, voluntárias e livres, e não determinadas por relações sociais e econômicas muito mais amplas e que independem de sua consciência ou vontade.

Acreditando-se empreendedor de si mesmo e fiel às leis do mercado, o ser humano parte em busca do sucesso individual, tendo como objetivo buscar o máximo de satisfação com o menor custo possível, não importando os meios para se alcançar tais fins. Levando ao extremo a lógica do “se a farinha é pouca, o meu pirão primeiro”, a sociedade se transforma numa arena marcada pela competição. E tal comportamento individualista apenas agrava o momento crítico pelo qual

passamos. A redução do ritmo da produção mundial observada em todo o globo, em alguns países mais do que em outros, em virtude da pandemia, potencializou os problemas estruturais do capitalismo contemporâneo. Os alarmantes níveis de desemprego e subemprego entre jovens no mundo, a desigualdade econômica e social entre os povos, a incapacidade dos governos de adotarem uma postura autônoma frente ao capital, a pobreza e a miséria crescentes, a precariedade dos sistemas públicos de saúde nos países da periferia do capitalismo, a violência urbana, a agressão ao meio ambiente, a produção de gases de efeito estufa e de lixo eletrônico em escala alarmante, o grave problema dos refugiados em busca de condições melhores de vida, o consumismo exacerbado apoiado na divisão internacional do trabalho e dependente das cadeias globais de valor, estas, incapazes de se redesenhar rapidamente para atender necessidades emergenciais, como expôs a Covid-19, são sintomas de um sistema social doente, o qual parece se aproximar do limite de reprodução básica de seus mecanismos de sustentação.

Em meio a tantas incertezas e insegurança, a nova razão do mundo, isto é, a vida regida pela ordem neoliberal, manifesta-se na sociedade não somente por meio da defesa de políticas econômicas liberais saídas dos manuais de economia ortodoxa, mas por um modo de viver e pensar que reflete uma forma específica de racionalidade política, uma maneira peculiar de conceber o papel do estado e um modo mesquinho dos indivíduos de pensarem e agirem sempre mediado por relações de mercado, obedecendo invariavelmente à lógica de valorização do capital, do lucro e da vantagem. Tudo se torna mercadoria, logo, cria-se um ambiente excludente e predador, portanto, hostil para as relações humanas de caráter não econômico, tais como a solidariedade, a fraternidade, o altruísmo, a amizade, a vizinhança e o amor. Contaminando outras esferas da vida, como a diversão, o entretenimento, a arte, a cultura, a educação e o lazer, as pessoas passam a medir todos os aprendizados, todas as sensações e emoções pelo seu nível de consumo, de modo semelhante como se calcula o retorno de um investimento, como um ganho econômico, uma economia de dores para um máximo de prazeres. Em consequência, essa racionalidade impede que nos fragilizemos, ou mesmo nos preocupemos, com as mazelas dos outros e com o completo abandono em que vive mais da metade da população mundial.

Transferindo ao mercado a tarefa de fornecer aos indivíduos tudo o que eles precisam, ou pensam precisar, os Estados lavam suas mãos e entregam sua autonomia aos interesses privados de uma pequena elite bilionária que domina o globo e que advoga para si a responsabilidade pelo destino de todo o restante da humanidade. Tal processo traz, entre seus desdobramentos sociais, a agressividade e a violência contra tudo e contra todos, a descrença na ciência e no conhecimento humano, o desprezo e a negação das instituições voltadas à proteção social, a ameaça aos regimes democráticos, além de favorecer o avanço de partidos políticos e movimentos ideológicos extremistas, processo este evidenciado nas redes sociais, especialmente durante os pleitos eleitorais no Brasil e mundo afora. Enquanto a economia e as oportunidades se afunilam, a sociedade parece clamar por soluções. Frente ao caos, a busca por culpados facilmente identificáveis e por soluções simplistas ganham espaço, e geram conflitos no momento em que a

expressão “guerra mundial” começa a ressurgir com certa recorrência na internet e na grande mídia, além de se tornar comum nos discursos de líderes mundiais.

Atentos aos graves problemas da atualidade, os jovens estudantes do Programa de Educação Tutorial do curso de Ciências Econômicas da Ufes direcionaram seus esforços para questionar e debater diversos temas que se revestem da maior urgência. Na seção das Resenhas Econômicas, o tom de denúncia e o olhar crítico repousam sobre questões como: a intolerância, o ódio e a agressividade presentes nas redes sociais; a negligência do governo brasileiro perante a garantia de uma renda mínima permanente aos mais pobres do país e sua demora inicial para garantir o pagamento do auxílio emergencial em meio à pandemia; o desafio que se impõe à humanidade em relação ao destino do crescente volume de lixo eletrônico no mundo; o acirramento dos ânimos e a política agressiva observados nos pleitos eleitorais, em especial, no Brasil e nos EUA; o mercado de informações privadas no qual se transformou a internet das coisas, onde nós, ao mesmo tempo em que perdemos qualquer privacidade, convertemo-nos em produtos negociados nos mercados online; a precarização das relações de trabalho no país que empurra milhões de jovens para o subemprego ao mesmo tempo em que se esconde por detrás do ideário neoliberal do empreendedorismo e do ilusório discurso da liberdade de “ser o seu próprio patrão”.

A seção seguinte, de Artigos Acadêmicos, traz, na íntegra, os trabalhos desenvolvidos pelos petianos na tradicional atividade da Mostra Interna de Artigos. Nesta edição, contamos com duas contribuições: Lorena Duarte da Silva apresenta um texto que joga luz sobre o potencial econômico das favelas e das comunidades situadas às margens das grandes cidades do Brasil. A partir de dados estatísticos extraídos de pesquisas do IBGE e da CUFA (Central Única das Favelas), em "As favelas: sua grandeza e seu potencial econômico", a autora mostra a importância dessas regiões, cujos moradores são vítimas constante de preconceitos e violência, para a composição do consumo e da renda nacionais; Amanda Cristaldo Neis, por sua vez, analisa como a indústria cinematográfica norte-americana é utilizada como estratégia de manutenção da hegemonia política, econômica e cultural dos EUA perante o resto do mundo. Em "Soft Power: universo cinematográfico da Marvel como fonte de poder dos EUA", a autora centra o foco no papel da Marvel Studios e do Universo Cinematográfico da Marvel, combinando, em seu artigo, os conceitos de Soft Power, de Joseph Nye, com o de Indústria Cultural, de Theodor Adorno e Max Horkheimer.

Nesta edição, contamos também com a honrosa contribuição do professor do Departamento de Economia da UFES, Dr. Maurício de Souza Sabadini, ex-tutor do PET-Economia/Ufes, que nos brinda com um texto sobre a atualidade e a dinâmica do capitalismo contemporâneo, com sua lógica financeira cada vez mais especulativa e seletiva, além de trazer à tona temas como a pandemia, a vida em uma sociedade pautada pela razão neoliberal e o desafio para os jovens em relação às habilidades que deles são exigidas no mercado de trabalho na atualidade. Em “Nossas vidas e o capitalismo”, Sabadini conversa com o leitor por meio de um texto cujo conteúdo mescla o rigor das categorias teóricas com o discurso informal, sem se esquecer de destacar a importância

dos Programas de Educação Tutorial das universidades públicas do país como importantes mecanismos para a produção de jovens críticos, atuantes, antenados e resilientes.

Outra importante publicação desta edição é a apresentação dos resultados da segunda Pesquisa com o Egresso, atividade que busca manter o acompanhamento sistemático e periódico dos petianos egressos do programa. Por meio de entrevistas, a pesquisa tem o intuito de coletar informações e depoimentos dos ex-petianos sobre a sua atual ocupação e a sua avaliação pessoal sobre a importância de sua experiência acadêmica vivida junto ao PET, o que nos permite detectar as potencialidades e fragilidades do PET-Economia/Ufes, a partir da ótica de quem viveu a experiência. A primeira edição desta importante pesquisa havia sido realizada em 2012 e captou as opiniões e relatos de ex-petianos desde o início do programa, nos idos de 1990. Dando continuidade ao trabalho, desta vez entrevistamos os petianos egressos a partir de 2012 até 2020. Para enriquecer esta segunda edição da pesquisa, selecionamos e apresentamos o depoimento de uma estudante egressa do PET-Economia/Ufes, a economista Danielle Nascimento, convidada pelos organizadores da revista.

Por fim, na seção, Conheça seu PET, trouxemos para a revista uma atividade de integração do PET-Economia/Ufes, que consiste em convidar outro Programa de Educação Tutorial do país para uma roda de conversa, onde seus integrantes se apresentam e expõem as atividades e os princípios norteadores do seu programa. O intuito desta atividade é o de provocar a troca de experiências entre os dois programas e iniciar um processo de engajamento e interação. Nosso convidado, desta vez, é o PET Economia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, o qual é considerado, carinhosamente por nós como nosso irmão mais velho, haja vista ter servido de base e fonte de inspiração para a criação do nosso grupo no ano de 1992.

Enfim, esperamos que a leitura dos textos aqui produzidos apresente para você, leitor, uma forma diferente de olhar para o mundo em que vivemos, isto é, a partir de uma perspectiva crítica, ou, da totalidade social. Inspirados em inquietações que se transformaram em pesquisa, os trabalhos e as atividades aqui publicados são a expressão e o resultado do compromisso que o PET-Economia/Ufes tem com a sociedade, ao respeitar, em seu dia a dia, o princípio da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, tripé acadêmico que sustenta as universidades públicas deste país.

Aproveitem a leitura...

*(1) Professor adjunto do departamento de Economia Ufes  
e tutor do Programa de Educação Tutorial PET-Economia/Ufes.*